

Investidor exige transparência de agências

Empresas de classificação de risco de investimentos, como a Moody's Investors Services, a Standard & Poor's e a IBCA são cada vez mais consultadas para analisar países e companhias e atribuir-lhes uma avaliação de risco e retorno. Essas entidades têm o poder de mover mercados e aliviar ou aprofundar os problemas econômicos de governos, países e corporações. Após a crise na Ásia e as dificuldades de captação de recursos que os países da região enfrentaram, as agências de avaliação de risco estão tendo sua atuação cada vez mais criticada por governos, empresários e investidores.

HENNY SENDER
Far Eastern Economic Review

HONG KONG – Foi como chuva durante a parada da Malásia. Assim que o vice-primeiro-ministro e ex-ministro das Finanças Anwar Ibrahim fez suas malas para participar de um espetáculo para arrecadação de fundos nos Estados Unidos e na Europa, a agência Moody's Investors Service baixou três pontos na classificação da dívida soberana do país. Isso deixou a dívida quase no status de título de risco (junk bond), pondo a Malásia a par com a Letônia. O mercado sempre nervoso teve uma grande queda, fazendo com que o índice da bolsa atingisse o seu ponto mais baixo em nove anos. Anwar imediatamente suspendeu os planos de levantar US\$ 2 bilhões em títulos – cujo valor teria ajudado a estabilizar o ringgit, enquanto as taxas de juros continuassem a cair – e desfez as malas.

Depois que a Standard & Poor's seguiu o exemplo da Moody's e baixou sua classificação da dívida ma-

laia, Anwar tentou reagir. “Não se preocupem com as cotações”, disse aos investidores em potencial. “A questão é: quem é que faz a cotação dessas agências?” Essa é a pergunta que muitos líderes do setor de finanças asiático estão fazendo. Afinal, Anwar não foi o único a sofrer uma dor de cabeça financeira causada pelas agências que fazem essas classificações. O mercado japonês estremeceu quando a Moody's anunciou uma revisão, para uma possível redução da cotação da dívida do Japão, em 22 de julho. A classificação da dívida a longo prazo de seis bancos tailandeses também foi submetida à revisão em 28 de julho e o mesmo sucedeu com as dívidas de nove bancos chineses, dois dias depois.

Desde que irrompeu a crise asiática, há mais de um ano, a Moody's, que se equipara à Standard & Poor's como a mais antiga e respei-

EMPRESAS TORNARAM-SE ALVO DE CRÍTICAS

te, companhias e governos asiáticos acusaram a agência de ter alimentado a crise com reduções de classificações frequentes e muitas vezes grandes de dívidas soberanas e empresariais. Por que todo esse espalhafato? Simplesmente porque,

tada agência de classificação, converteu-se em alvo de críticas. No início da crise, investidores acusaram a Moody's de não tê-los advertido sobre os problemas que estavam por vir: mais recentemente,

quando a Moody's fala, os investidores escutam. Quando ela anuncia a redução de uma classificação de crédito, os líderes de nações concedem entrevistas coletivas e os mercados e sofrem baixas.

A razão tradicional para essa influência é o fato de que maioria dos participantes do mercado presume que as decisões da agência sejam baseadas em informações superiores. Assim, a Moody's pode alterar o modo pelo qual bilhões de dólares passam rapidamente de uma capital do globo para outra na busca incansável do melhor negócio envolvendo risco e retorno. Mas, com as agências de classificação desfrutan-

do de um prestígio maior do que nunca, muitos investidores perguntam se a qualidade do método que elas usam para tomar decisões justifica o seu poder. Críticos alegam que a Moody's não conta com potencial humano nem com acesso a informações que lhe permitam estar certa o tempo todo. Ela não é um oráculo, afirmam.

Funcionários da Moody, que se sentem pouco à vontade com sua nova visibilidade, alegam que as expectativas são exageradas. “Nós só oferecemos informações objetivas”, protesta Christopher Mahoney, diretor-administrativo da Moody's em Nova York. “Nunca dissemos

Anwar Ibrahim, que passou a atacar as agências, depois que a crise asiática foi detonada: “Não se preocupem com as cotações; a questão é quem faz essas avaliações”



que somos infalíveis.” Ironicamente, os investidores estão começando a responsabilizar as agências de classificação quase pela mesmas culpas que atribuem à própria Ásia: falta de transparência e de divulgação de informações negativas ou positivas que poderiam influenciar uma decisão sobre investimento. Isso porque os observadores das agências de classificação, que tentam prever as decisões que emergirão da 99 Church Street, onde se situa o quartel-general da Moody, no centro da cidade de Nova York, ficam aguardando algo parecido com a fumaça preta que se evola da chaminé do Vaticano quando um novo papa é eleito.

Os mercados sentem, cada vez mais, que a Ásia é um lugar que não se consegue entender”, diz Steve Taran, diretor-administrativo e chefe-geral das pesquisas soberanas da Salomon Smith Barney em Hong Kong, e ex-analista da Moody's. “Eles sentem, cada vez mais, que as agências de classificação são imprevisíveis, inescrutáveis e falíveis. As agências deveriam ser menos misteriosas e prestar mais contas de suas ações.”

Sua impotência não pode ser superestimada. No mundo das finanças tradicionais, os bancos concedem empréstimos a clientes que conhecem intimamente. Mas quando os participantes são emitentes e investidores, as duas partes podem não se conhecer. Elas dependem de intermediários como a Moody's, que lhes fornecem informações capazes de facilitar a tomada de decisões. Como os bancos de investimentos tendem menos a ser independentes nos seus conselhos, os investidores recorrem às agências.

■ Continua na próxima página